



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

AS OCUPAÇÕES PROTO-HISTÓRICAS DO CASTELO DO GIRALDO (ÉVORA).

MATALOTO, Rui

Ano: 1999 | Número: 109a

Como citar este documento:

MATALOTO, Rui, As ocupações Proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora). *Revista de Guimarães*, Volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia, 1999, p. 333-362.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

As ocupações Proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora)

Rui Mataloto

Revista de Guimarães, Volume Especial, I, Guimarães, 1999, p. 333-362

Introdução

A ocupação do Castelo do Giraldo, durante a Proto-história, é conhecida, na bibliografia arqueológica, desde os anos 60; contudo, nunca foi efectuado qualquer estudo aprofundado sobre este local, ocupado e reocupado desde a Pré-História à Idade Média.

A informação disponível sobre o Castelo do Giraldo é, efectivamente, escassa e deriva essencialmente da breve análise efectuada por H. Schubart na sua volumosa síntese sobre a Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular (Schubart, 1975).

Apesar da escassez de informação, as referências ao Castelo do Giraldo têm sido praticamente obrigatórias em todos os trabalhos sobre a Proto-história do Sul do País, principalmente sobre a Idade do Bronze. Essas referências resumem-se, essencialmente, a um mero ponto num mapa, que traduz apenas a presença de materiais atribuíveis à Proto-história.

A carência de um estudo sobre os dados obtidos nas diversas campanhas de escavação no Castelo do Giraldo foi recentemente apontada por diversos autores (Berrocal, 1992; Calado, 1997; Fabião, 1996), cujo repto decidi aceitar, após a observação do acervo material em depósito do Museu de Évora. A análise deste, sem a

aspiração de ser exaustiva, pretende contribuir para um melhor conhecimento das tão citadas ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo.

Gostaríamos de deixar aqui uma palavra de agradecimento ao então Director do Museu de Évora, Dr. Goulart, por nos permitir o estudo dos materiais aí depositados, tal como aos funcionários do Museu, pela simpatia e disponibilidade que sempre demonstraram.

Ao Dr. Manuel Calado agradeço as informações cedidas e o apoio no desenho arqueológico.

História da investigação

O Castelo do Giraldo foi identificado no ano de 1957, aquando da presença do Cor. Afonso do Paço na cidade de Évora. O micro-topónimo advém-lhe da tradição local, que o identifica como o refúgio de Giraldo, o Sem Pavor, antes da tomada da cidade de Évora (Paço e Ventura, 1961).

A deslocação de J. Ventura e do Cor. Afonso do Paço ao sítio, no ano de 1957, conduziu à identificação do recinto defensivo e ao reconhecimento de uma ocupação pré-histórica.

A existência de um local fortificado com ocupação pré-histórica em pleno Alentejo deixou seriamente interessado o Cor. Afonso do Paço devido, particularmente, às possíveis comparações com o povoado de Vila Nova de S. Pedro, onde havia já efectuado longas campanhas de escavação.

Não sendo possível iniciar de imediato os trabalhos, devido ao envolvimento pessoal do Cor. Afonso do Paço nas escavações de Aljubarrota, J. Fernandes Ventura encetou uma primeira intervenção de sondagem ainda em 1957. Desta sondagem resultou uma pequena nota publicada pela Associação dos Arqueólogos Portugueses¹.

Os trabalhos reiniciaram-se três anos mais tarde, sob a direcção do Cor. Afonso do Paço e J. Fernandes Ventura, para uma curta intervenção, que se viria a desenrolar no Outono de 1960. Esta campanha acabaria por ser bastante atribulada e relativamente curta, devido às adversas condições climatéricas, realizando-se quase

¹ "Novidades" de 25-12-1957.

exclusivamente a limpeza dos derrubes da muralha, da qual ficaria um considerável troço visível (Paço e Ventura, 1961).

Em 1961 desenvolveu-se mais uma campanha de escavação, principalmente no interior da muralha, permitindo uma melhor definição desta (Paço, 1961). Nesse mesmo ano sai o artigo “O Castelo do Giraldo e os novos horizontes do Neolítico alentejano” (Paço, 1961), evidenciando a importante ocupação pré-histórica. Com estes trabalhos ficou, bem claro que a construção da muralha é certamente posterior à ocupação pré-histórica, o que poderá ter gerado um certo desinteresse nos directores dos trabalhos, reflectido na ausência de qualquer publicação posterior.

Somente estas duas campanhas de escavação foram publicadas. No entanto, os materiais em depósito no Museu de Évora permitem supor a existência de mais duas campanhas, realizadas nos anos de 1962 e 1964². Não foi possível confirmar a sua realização, nem o envolvimento do Cor. Afonso do Paço nas mesmas. Nestes anos o Cor. Afonso do Paço dirigiu os trabalhos no Castelo da Lousa, juntamente com Joaquim Bação Leal, não sendo de todo improvável a sua ligação à continuação dos trabalhos no local aqui em estudo. Ainda assim, as duas últimas campanhas poderiam, de facto, dever-se a J. Fernandes Ventura, o qual esteve, desde o início, ligado aos trabalhos no local.

Aproximadamente dez anos após os primeiros trabalhos de escavação, J. Morais Arnaud procedeu a uma nova intervenção no Castelo do Giraldo, em simultâneo da realizada no vizinho sítio da Coroa do Frade (Arnaud, 1979). Esta escavação reincidente sobre a muralha, reconhecendo a sua possível origem medieval (Arnaud, 1979). Além de uma pequena nota de pé-de-página, incluída na publicação dos resultados obtidos na Coroa do Frade, nada mais se conhece sobre esta última intervenção.

Apesar de os trabalhos realizados terem aparentemente incidido sobre toda a área do povoado, é provável que existam estratos arqueológicos conservados, os

² De facto, alguns materiais cerâmicos encontram-se marcados, para além das iniciais do local, com um número que supomos ser o ano da campanha, 61, 62 e 64. Além desta informação a marcação tem, por vezes, uma letra e um número que pensamos ser o “talhão” ou área de escavação. Não nos foi possível, até agora, obter qualquer documentação de campo sobre estas escavações.

quais permitam lançar alguma luz sobre as muitas dúvidas que as ocupações do local ainda suscitam.

Localização e enquadramento geográfico

O povoado do Castelo do Giraldo situa-se em pleno Alentejo Central, no concelho de Évora, nas proximidades da aldeia de Valverde, com as coordenadas U.T.M.: X=584.4 / Y=4266.1.5 (CMP. 1:25 000, fl. 459).

O Castelo do Giraldo “*assenta num dos contrafortes da Serra de Monfurado, numa elevação que dela se desprende e atinge a cota de 334 metros, dominando a vasta planície que para o Oriente lhe fica aos pés*” (Paço e Ventura, 1960: 34).

Implantado num conspícuo esporão da serra de Monfurado, o Castelo do Giraldo domina a extensa planície, por onde correm e confluem as Ribeiras de Valverde e Peramanca, sempre com as elevações da cidade de Évora como pano de fundo.

O povoado tem uma área bastante reduzida, aproximadamente 0,25 ha, ocupando uma pequena plataforma, onde afloram imponentes penedos graníticos.

Em termos geológicos a área envolvente do povoado caracteriza-se pela presença de granitos na planície e primeiros contrafortes da serra, como no caso do esporão onde o povoado se implanta; a serra de Monfurado é maioritariamente constituída por gnaisses.

O relevo apresenta-se suavemente ondulado na planície, elevando-se na zona de transição geológica, dando lugar a uma paisagem bastante enrugada na serra.

Os solos são em geral leves, muito pobres no interior da serra, onde apenas pequenas várzeas poderão ser propícias à agricultura. A planície, que se espraia desde o sopé da elevação, para Oriente e Sul, é fértil em água e os solos apresentam-se mais aptos à agricultura.

A implantação do povoado entre a planície e a serra permite-lhe o acesso à riqueza silvícola e pastoril proporcionada por esta última, enquanto, por outro lado, lhe permite dispor de uma considerável extensão de bons solos agrícolas na planície.

A localização de exceção reconhecemo-la pelo modo como controla a paisagem envolvente: desde a planície de Vale Rodrigo, a Sul, a todo o vale das

Ribeiras de Valverde e Peramanca, para Norte. Somente para Oeste a visibilidade a partir do povoado se encontra truncada pela serra.

O domínio sobre a paisagem assume particular relevo se atendermos ao efectivo controlo visual sobre uma importante via de transitabilidade natural entre a bacia do Sado e do a Guadiana.

As importantes vias romanas de ligação de *Olisipo* a *Augusta Emerita*, através de *Ebora*, ou desta cidade a *Pax Iulia*, confluíam no vale das ribeira de Valverde, nas imediações do Castelo do Giraldo (Alarcão, 1988), evidenciando a sua estratégica localização numa encruzilhada de vias naturais de ligação Este-Oeste e Norte-Sul.

Recentemente, L. Berrocal (1994b) realçou a importância da ligação Este-Oeste, entre a Extremadura espanhola e os estuários do Tejo e Sado, no contexto proto-histórico do Sul peninsular, em particular durante a Idade do Ferro.

As ocupações do Castelo do Giraldo

A análise das ocupações deste povoado durante a Proto-história está seriamente limitada pela ausência de estratigrafia e pelo frágil e superficial conhecimento das produções cerâmicas desse período no Sul do país.

O estudo de uma colecção com estas características parece-me, por isso, carecer de um comentário prévio de enquadramento.

O conjunto, ainda que não tenha sido contabilizado, é vasto e compõe-se maioritariamente de fragmentos de dimensões reduzidas. Os materiais sofreram uma triagem óbvia, notando-se a clara ausência de uma larga maioria de fragmentos indiferenciados. O espólio reunido é dominado pelos fragmentos com bordo ou fundo, estando igualmente presentes os elementos de prensão, tal como escassas peças com decoração.

No material em depósito no Museu de Évora, regista-se a presença de um número razoável de fragmentos marcados com uma sigla (GI ou GR), ao que se segue normalmente o ano e uma letra³, a qual se pressupõe corresponder à área ou talhão da escavação em que foram recolhidos. Não foi possível obter qualquer informação

³ Ver nota 2.

concreta sobre estas referências, nem descortinar qualquer significado estratigráfico ou microespacial na área do povoado.

Os materiais integráveis no Calcolítico do Sudoeste dominam por completo o conjunto, sendo o grupo atribuível à Idade do Bronze o segundo melhor representado. Os respeitantes à Idade do Ferro são em número relativamente reduzido, apesar de, mesmo assim, superarem os escassos vestígios que documentam a ocupação Medieval. Porém, dificilmente se poderá deduzir algo desta mera observação, visto que a relação quantitativa poderá depender de inúmeras vicissitudes, uma das quais pode ser a forte triagem de que foram certamente objecto.

O Calcolítico e a Época Medieval

Além das ocupações proto-históricas, é possível identificar dois outros momentos de ocupação no local: um durante o Calcolítico e outro na Época Medieval.

A ocupação calcolítica do Castelo do Giraldo é, como já foi referido, a melhor representada nos materiais em depósito no Museu de Évora. Este foi certamente o momento de ocupação que mais motivou o empenho pessoal do Cor. Afonso do Paço, como deixou expresso no seu artigo “O Castelo do Giraldo e os novos horizontes do Neolítico Alentejano”, publicado em 1961.

A muralha detectada, e hoje visível, tem sido frequentemente associada ao Calcolítico; no entanto, esta estrutura foi erigida possivelmente na Época Medieval (Paço, 1961: 5; Arnaud, 1979: 87), não existindo qualquer indício concreto sobre a existência de qualquer fortificação em momentos pré-históricos.

A ocupação calcolítica insere-se, genericamente, no quadro material conhecido para o Calcolítico pleno do Sul do país, com a abundante presença de pratos e taças de bordo espessado, tal como de recipientes esféricos e globulares. Especial destaque merece a impressionante quantidade de fragmentos de pesos de tear, certamente milhares, quase exclusivamente “crescentes”.

A total ausência de cerâmica campaniforme poderia indiciar o abandono do povoado, anteriormente à presença deste tipo cerâmico nos contextos calcolíticos regionais, onde é, aliás, bastante escasso. Contudo, estão presentes alguns materiais que ocorrem, com frequência, associados à cerâmica campaniforme.

A ocupação mais recente reporta-se a um momento indeterminado, provavelmente medieval. Os materiais atribuíveis a esta ocupação são escassos e de difícil enquadramento cronológico.

Não deixa de ser curiosa esta ocupação medieval, face à tradição toponímica do local, que o identifica como o abrigo de Giraldo o Sem Pavor.

A Idade do Bronze

A informação disponível sobre esta fase de ocupação no Castelo do Giraldo, concentra-se principalmente na volumosa síntese sobre a Idade do Bronze no Sudoeste peninsular, elaborada por H. Schubart (1975), na qual escassos materiais cerâmicos e metálicos são apresentados.

Em geral, os materiais cerâmicos apresentam pastas, cozeduras e acabamentos bastante característicos e similares aos recolhidos nos povoados da Idade do Bronze da região, permitindo isolar, com alguma segurança, o conjunto deste momento; contudo, esta classificação não está isenta de dificuldades pois o fabrico manual e a forma dos recipientes, como veremos, não permitem, em algumas peças, atribuições seguras.

H. Schubart (1975) apresenta-nos um conjunto de materiais muito reduzido, os quais atestam, no entanto, a ocupação do local nos diversos momentos da Idade do Bronze. Perante a ausência de qualquer registo estratigráfico, torna-se difícil, senão impossível, constatar se as ocupações se deram em permanência ou se o local foi reocupado ao longo deste período.

Os materiais apresentados por H. Schubart (1975, fig. 37-476; 480-487; fig. 60-477, 478), admitem uma ocupação no Bronze Antigo/Médio e no Bronze Final. A existência de um punhal de lingueta (fig. 37-482) e dois (?) “braçais de arqueiro” (fig. 37-486-7(?)) poderá apontar para um momento precoce dentro da Idade do Bronze ou ainda do final do Calcolítico, momento em que surgem usualmente associados à cerâmica campaniforme.

A ausência deste tipo cerâmico no Castelo do Giraldo, como acontece na maioria dos povoados do III^o milénio no Alentejo, poderá não indiciar directamente o seu abandono no final do Calcolítico.

É possível entrever nestas presenças os indicadores de uma ocupação do Bronze Antigo, na continuidade da Calcolítica. No entanto, o conservadorismo da tradição cerâmica na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze no Alentejo e Extremadura espanhola (Silva e Soares, 1981; Pavón Soldevilla, 1995: 36), dificulta manifestamente a possibilidade de isolarmos esta fase de ocupação sem recurso ao registo estratigráfico.

Esta situação foi, igualmente admitida no povoado de Vaiamonte (Fabião, 1996: 42); o conjunto material atribuído ao Calcolítico, é reduzido, incluindo, para além dos característicos pratos de bordo espessado, uma ponta de cobre “tipo Palmela”, elemento associado também ao Campaniforme/Bronze Antigo. O autor avança a hipótese de uma longa ocupação sem assinaláveis soluções de continuidade entre o Calcolítico e o final da Idade do Bronze (Fabião, 1996: 42).

A possibilidade de uma permanência populacional, na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze, no Castelo do Giraldo, assume maior consistência se observarmos que em um crescente número de povoados da região, com ocupação calcolítica, e alguns com materiais campaniformes, foram também registados vestígios integráveis na Idade do Bronze, por vezes do Bronze Final. Esta situação reconheceu-se, sem pretensões de exaustividade, nos povoados do Cerro dos Castelos de S. Brás (Serpa) (Parreira, 1983), Sala nº 1 (Vidigueira) (Gonçalves, 1987), Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988-89), Serra (Évora) (Calado, informação pessoal), Fonte Ferrenha (Borba/Redondo) (Calado, 1995), Castelo Velho (Alandroal) (Calado, 1993), Baldio (Arronches) (Gamito, 1995).

O fenómeno parece estender-se também à vizinha Extremadura espanhola e Andaluzia ocidental, onde se tem vindo a reconhecer num importante número de povoados, uma continuidade de ocupação pelo menos desde os momentos finais do Calcolítico até ao Bronze Final (Pavón Soldevilla, 1995; Gómez Toscano, 1998).

Se os indícios de uma ocupação do Castelo do Giraldo no Calcolítico Final/Bronze Antigo são escassos, os respeitantes ao Bronze Médio são praticamente inexistentes.

Apenas se reconheceu a presença de uma taça tipo Odivelas⁴ (Schubart, 1975: 269, fig. 476; Paço e Ventura, 1961: fig. 7). Além desta, recolhida e publicada na primeira campanha, não foi identificado qualquer tipo cerâmico característico do Bronze Médio do sudoeste peninsular. Somente um fragmento de uma taça de carena média (fig.3, nº 2) poderá apontar para este momento.

O quadro material do Bronze Médio no Sudoeste peninsular, definido por Schubart (1975) e designado como Bronze do Sudoeste, conhece-se principalmente pelos contextos funerários (Schubart, 1975; Silva e Soares, 1981), notando-se uma quase ausência de trabalhos nos povoados, os quais, em geral, são desconhecidos.

Os escassos sítios atribuíveis ao Bronze do Sudoeste, onde se realizaram trabalhos de escavação, apresentaram um conjunto material algo distinto do reconhecido nas necrópoles, não estando contudo ausentes os elementos típicos destes contextos (Silva e Soares, 1981; Pavón Soldevilla, 1995b: 89).

Nos povoados integráveis no Bronze do Sudoeste, os elementos cerâmicos característicos desta fase têm uma presença reduzida perante, um conjunto maioritário de cerâmicas com origem no fundo comum neo-calcolítico (Silva e Soares, 1981; Carreira, 1993; Hurtado e Sanjuán, 1993; Pavón Soldevilla, 1995b).

No Bronze Médio do Sudoeste verifica-se o perpetuar da tradição cerâmica, em paralelo com o aparecimento de novas formas, usualmente de qualidade superior, cuja utilização será primordialmente funerária.

Num momento ainda por determinar mas, relativamente precoce dentro da Idade do Bronze, e em plena convivência com as cerâmicas de tradição neo-calcolítica, surgiram, algumas formas de carenas médias e altas, e grandes potes de colo alto e bordo ligeiramente exvasado, que irão perdurar e diversificar-se ao longo da Idade do Bronze. Estas formas cerâmicas, estando presentes nos diversos povoados do Bronze do Sudoeste, como Quitéria, (Silva e Soares, 1981: 179), Catujal (Carreira, 1994: 68 e 1997: 131, 135; Cardoso e Carreira, 1993), Castillo de Alange (Pavón Soldevilla, 1995:

⁴ Esta peça publicada tanto por Paço e Ventura (1961) como por Schubart (1975) não foi, contudo, possível reconhecer no espólio presente no Museu de Évora, pelo que nos foi impossível se quer visualizá-la.

91) ou Mesa de Setefilla (Aubet *et alli*, 1983: 53, 58) anunciam já as formas dominantes no Bronze Final do Sul e Centro do país (Vilaça, 1995).

A cronologia obtida no povoado do Catujal (Cardoso e Carreira, 1993) remete para a primeira metade do II^o milénio o aparecimento das formas cerâmicas em questão, sendo esta corroborada pela datação *ante quem* dos estratos XV e XIV de Setefilla (Aubet *et alli*, 1983: 48; Soares e Silva, 1998: 236).

Os materiais do estrato XIII deste último povoado demonstram como estas formas, de carenas médias e altas, são difíceis de enquadrar em termos cronológicos dentro da Idade do Bronze: “...no es fácil determinar si una forma cerámica constituyó un elemento precoz del Bronce final, si corresponde a una perduración de tradiciones del Bronce pleno o si, se trata de un elemento arcaico del 2^o milénio a.C. ...” (Aubet *et alli*, 1983: 73-75).

A ausência de uma ordenação estratigráfica do espólio recolhido no Castelo do Giraldo permite a “diluição” dos elementos cerâmicos do Bronze Médio nos espólios atribuíveis às ocupações do Calcolítico e do Bronze Final.

Ficam então, resumidos à taça tipo Odivelas os indicadores seguros da presença humana no local durante o Bronze Médio, o que é, de facto, muito escasso.

Será demasiado audacioso resumir centenas de anos de História a um único recipiente cerâmico, podendo resultar a sua presença no local de vicissitudes várias; todavia, e apesar da extrema fragilidade da informação segura de que dispomos, cuja existência pode apenas indiciar uma presença esporádica, afigura-se-me bastante plausível a ocupação do Castelo do Giraldo ao longo do II^o milénio.

Na verdade, o reconhecimento nos últimos anos de povoados do Bronze Médio do Sudoeste, em locais de altura com ocupações anteriores e/ou posteriores, como o caso do Castillo de Alanje (Pavón Soldevilla, 1995) ou El Trástejon (Hurtado e Sanjuán, 1993), sem esquecer o bem conhecido Mesa de Setefilla (Aubet *et al.*, 1983), entre outros (Gómez Toscano, 1998), dá alguma consistência à possível ocupação do Castelo do Giraldo neste momento.

A “diluição” de muitas das formas cerâmicas do Bronze Médio, nas produções características sobretudo do Bronze Final, determinaria a efectiva

invisibilidade do povoamento deste momento sob alguns dos grandes povoados do final da Idade do Bronze, os quais são maioritariamente conhecidos por reduzidos conjuntos cerâmicos recolhidos à superfície, como foi recentemente admitido (Soares e Silva, 1998: 238).

Por outro lado, o Castelo do Giraldo inscreve-se num contexto regional onde o Bronze Médio é, na sua quase totalidade, desconhecido. No entanto, a nível local integra-se num espaço relativamente ocupado neste momento. A cista da Provença (Valverde, Évora) situada praticamente na base da elevação do povoado em estudo, junto da Ribeira de Valverde (Arnaud, 1979), pode inclusivamente constituir parte da sua necrópole. O grande monumento megalítico da Anta Grande do Zambujeiro, situado entre as ribeiras de Valverde e Peramanca, em frente do Castelo do Giraldo e visível a partir deste, teve uma importante reutilização durante um momento impreciso da Idade do Bronze⁵, provavelmente anterior ao Bronze Final. Escassos quilómetros a Oeste situa-se a necrópole de cistas das Bandeiras (Arnaud, 1979); no Museu de Évora observei uma taça tipo Atalaia proveniente do *tholos* do Escoural, situado a cerca de uma dezena de quilómetros a Oeste. Mais próximo, poucos quilómetros a sudeste, na Herdade do Barrocal, localizou-se a necrópole homónima, (Gamito, 1988), com pelo menos uma forma fechada, de carena média, dotada de uma asa, em depósito no Museu de Évora.

Recentemente, identificou-se, a uns escassos 2 km a sudoeste do Castelo do Giraldo, o povoado da Serra⁶. Implantado numa encosta virada a Sul foi ocupado do Neolítico Final/Calcolítico à Idade do Bronze. Aqui recolheu-se uma ponta tipo Palmela, um machado plano e uma taça de carena baixa integrável nas tipologias da cerâmica do Bronze do Sudoeste, sendo então parcialmente contemporâneo do Castelo do Giraldo.

⁵ Informação oral gentilmente cedida por Henrique Leonor Pina. A utilização deste espaço funerário durante a Idade do Bronze efectua-se após um dos esteios Sul partir pela base e tombar para o interior da câmara.

⁶ Este povoado foi descoberto pelo Dr. Manuel Calado em 1997, a quem agradeço as informações. Estou-lhe igualmente grato pela cedência de uma imensa quantidade de dados, relativos às cronologias aqui em estudo, que incansavelmente vem recolhendo pelo Alentejo Central, sem a qual este trabalho seria certamente muito mais pobre.

O contexto local apresenta uma diversidade de soluções, não só de povoamento, mas também funerárias, durante o Bronze Antigo/Médio, na continuidade de uma utilização do espaço de tradição calcolítica.

As permanências apontadas pelas produções cerâmicas, povoamento e reutilizações funerárias denunciam um arraigar das tradições anteriores, nas populações do “Bronze do Sudoeste”, evidenciando um fio de continuidade entre o III^o e o II^o milénio que, no meu ponto de vista, nos permite afastar a ideia de uma ruptura cultural e populacional entre estes dois milénios, o que foi igualmente proposto por outros autores (Gómez Toscano, 1998: 267; Pavón Soldevilla, 1995b; Silva e Soares, 1998: 239).

A transição do Bronze Médio para o Bronze Final dá-se igualmente de uma forma gradual, sem rupturas e em plena continuidade; tal não invalida faseamentos dentro deste processo, como parecem discernir alguns autores, subdividindo o Bronze Médio em duas fases (Soares e Silva, 1998: 236).

Recentemente, alguns autores defenderam a existência de um vazio populacional durante o final da segunda metade do II^o milénio no Sudoeste Peninsular, em particular na bacia do Guadalquivir, que desembocaria numa consequente ruptura cultural (Escacena Carrasco, 1995). Todavia, a manifesta proximidade entre as produções cerâmicas, a par da manutenção das redes de povoamento, não permite, tanto para o Sul do país, como para todo o Sudoeste Peninsular, que se admita com facilidade o vazio populacional e a consequente ruptura cultural (Gómez, 1998: 267).

O povoado do Castelo do Giraldo esteve, inequivocamente, ocupado durante o Bronze Final. Contudo, a análise dos materiais cerâmicos correspondentes a este momento, está largamente condicionada, como já se afirmou, pela total impossibilidade de discernirmos, devido à longa permanência de boa parte do repertório formal, os dois conjuntos cerâmicos correspondentes às ocupações do Bronze Médio e do Bronze Final.

A ocupação efectiva durante o final da Idade do Bronze é denunciada pela presença, muito escassa, da decoração de “ornatos brunidos”.

As tabelas morfológicas das produções cerâmicas para o Bronze Final do Sul do país estão ainda por definir. Porém, estas são conhecidas para realidades envolventes como a Andaluzia (Ruiz Mata, 1995), ou Beira Interior (Vilaça, 1995).

O elevado grau de fragmentação dos materiais recolhidos no Castelo do Giraldo dificulta, ou mesmo inviabiliza, o seu enquadramento tipológico, pelo simples facto de a variabilidade formal, em muitos dos recipientes deste momento, se dar ao nível da bojo e não do bordo.

Apesar de todas estas dificuldades pode-se afirmar que os recipientes aqui identificados deverão, genericamente, enquadrar-se numa gama de formas muito aproximada da definida nas duas áreas já referidas, não deixando de ser bastante plausível uma certa variabilidade regional, como se pode depreender da análise de ambas.

Existirão, certamente, diferenças morfológicas entre os conjuntos cerâmicos identificados nestas áreas; no entanto, a gama de formas aproxima bastante estas três realidades regionais, denunciando evidentes contactos que permitem vislumbrar uma evolução histórica de grande proximidade, ao longo deste momento.

Como seria de esperar, existem óbvias similitudes entre o espólio do Castelo do Giraldo e o recolhido no sítio “vizinho” da Coroa do Frade.

A análise morfológica dos materiais recolhidos no povoado em estudo permite identificar uma diversidade de formas que se enquadram essencialmente em três tipos: taças carenadas, uma notável variabilidade de potes de bordo exvasado, de capacidade bastante diversa, e um outro conjunto de formas do fundo “neo-calcolítico”, como as taças hemisféricas. No Bronze Final da Beira Interior isolaram-se igualmente estas três formas básicas (Vilaça, 1995: 271).

As formas carenadas são, principalmente, pequenas taças. Algumas destas apresentam acabamentos de grande qualidade, pastas muito depuradas e superfícies brunidas ou, num único caso, decoração com “ornatos brunidos”.

Uma das pequenas taças apresenta uma curta asa de fita, que une o bordo à carena, constituindo uma forma bastante conhecida nas tipologias do Bronze Final de diversas áreas regionais.

A diversidade morfológica dos grandes recipientes é muito difícil de discernir, quando se manuseiam fragmentos tão pequenos; mesmo assim, foi possível verificar que ao nível do bordo e colo, existe uma certa variabilidade. Estas peças são principalmente potes, com o colo estrangulado ou ligeiramente exvasado; esta gama de formas pode corresponder a uma certa diversidade de utilizações. Apesar desta variabilidade, podemos afirmar que estas formas são as mais frequentes no Bronze Final, como se pôde quantificar nos povoados da Beira Interior (Vilaça, 1995).

As pegas mamilares apresentam também uma grande variabilidade, não só na forma e dimensão, mas também na sua distribuição no corpo dos recipientes; surgem junto ao bordo, sobre a carena, sobre a parede, isolados ou em grupos, de pequena e muito grande dimensão, perfurados ou não. As aplicações mamilares são utilizadas numa panóplia de formas bastante variada, desde os grandes recipientes, onde são de grande dimensão, aos pequenos potes e taças onde podem surgir sobre a carena ou sobre o bordo. Esta variabilidade indicará, por certo, uma diversidade de utilizações funcionais ou meramente decorativas.

Os recipientes decorados são escassos, tal como a variabilidade das decorações, as quais consistem em “ornatos brunidos”, superfícies “cepilladas” ou ainda as digitações, todas bem conhecidas dentro do Bronze Final do Sudoeste Peninsular.

A decoração brunida é realmente muito escassa, principalmente no que se refere à utilização de “ornatos brunidos”, os quais somente estão presentes em dois recipientes, pertencentes a dois tipos morfológicos bem distintos: um, é uma pequena taça carenada, enquanto que o outro é um grande pote. Ambos foram já publicados por Schubart (1975: Tafel 60, 477-477^a-478).

Os motivos são muito simples; um deles, realizado sobre a taça carenada, consiste em uma linha quebrada, delimitando triângulos não brunidos, entre duas linhas paralelas sob o bordo. O outro motivo, realizado no grande pote, igualmente junto ao bordo, consiste em uma sucessão de linhas paralelas oblíquas, interrompidas a espaços por outras que lhes são perpendiculares.

Um dos vários fragmentos deste pote, apresenta uma perfuração efectuada após a cozedura, podendo ser utilizada, com outras, para suspensão; contudo, poderá

corresponder a uma operação de reparação do recipiente, sendo uma das perfurações efectuadas para “gatar” a fractura. Esta operação justificar-se-ia totalmente, dada a elevada qualidade do recipiente.

Os motivos decorativos situam-se sempre pelo exterior dos recipientes, como é típico do Sul do país. Foi referida a presença de “ornatos brunidos” no interior dos vasos no Castelo do Giraldo (Gamito, 1988); porém, não foi possível identificar, no Museu de Évora, qualquer fragmento onde tal se verificasse; no entanto, não é improvável a presença desta decoração, tendo em conta que foi reconhecida em povoados das proximidades.

As cerâmicas de superfícies “cepilladas”, bastante características do Bronze Final, estão presentes em maior número que os “ornatos brunidos”. Essa decoração aplica-se igualmente em peças de morfologia muito variada, desde pequenas taças, sem carena, a grandes recipientes, taças e potes de grande dimensão; surge também aplicada pelo interior e pelo exterior.

A decoração digitada apenas foi reconhecida num recipiente que, pelas características de fabrico e acabamentos, deve ser atribuído à Idade do Bronze. Esta decoração consiste em uma banda com pelo menos três linhas de digitações, aplicada sobre uma grande taça.

Este motivo decorativo está bem documentado durante o Bronze Final, nos grandes povoados da Andaluzia (Ruiz Mata, 1995: 278), na Extremadura espanhola (Vilaça, 1995: 307), tal como nos povoados da Beira Interior (Vilaça, 1995: 281). No Alentejo esta decoração, pelo que consegui verificar, está escassamente representada, o que, mais uma vez, poderá dever-se à insuficiência de investigação. Note-se que, no povoado da Coroa do Frade a decoração digitada não foi identificada.

Um elemento cerâmico que tem vindo a ser associado ao Bronze Final está também aqui presente, os pesos de tear de tipo “lúnula”. São vários exemplares, em estado de conservação diferentes, um dos quais inteiro. Estes instrumentos técnicos indicarão certamente alguma actividade de fiação, relacionada com o pastoreio, facilitado pelas pastagens da serra.

Alguns quilómetros a Norte, subindo a Ribeira de Valverde, foi detectado um conjunto de povoados da Idade do Bronze que demonstram uma diversidade de estratégias de povoamento, ao apresentarem soluções bem distintas da reconhecida no Castelo do Giraldo ou Coroa do Frade (Calado, Mataloto e Pisco: no prelo).

O povoado do Jarro situa-se num cabeço isolado, bem destacado na paisagem, o que lhe confere alguma defensabilidade natural e domínio visual. O registo artefactual, não sendo muito abundante, permite, contudo, situar claramente a ocupação deste local no Bronze Final, com a presença de “ornatos brunidos” e grandes pegas mamilares.

Os sítios da Valada 4, Vale Maria do Meio 8 e Vale Maria de Baixo 2, apresentam uma estratégia de povoamento bastante distinta, ao situarem-se em áreas aplanadas, em torno de grandes afloramentos graníticos, mas sem qualquer defesa natural, nem domínio visual sobre a paisagem envolvente. Os materiais permitem apontar para o Bronze Final, ainda que só no primeiro deste locais estejam presentes os “ornatos brunidos”, realizados aqui pelo interior.

Detecta-se então, na área envolvente do Castelo do Giraldo, uma diversidade de modelos de povoamento durante o Bronze Final, situação que parece generalizar-se a todo o Alentejo Central (Calado, Mataloto e Pisco, no prelo). Resta ainda por compreender toda a complexidade determinada por esta diversidade de soluções, as quais não sabemos ainda se compõem uma realidade no espaço e no tempo, se diversas afastadas cronologicamente.

Se a relação de contemporaneidade entre o Castelo Giraldo e esta rede de povoados é, pela escassez de dados, difícil de comprovar, não o é menos a relação entre este e o “vizinho mais próximo”, a Coroa do Frade.

A tipologia da cerâmica do Bronze Final recolhida em ambos os povoados é, genericamente contemporânea, sendo neste momento praticamente impossível, com os conhecimentos que detemos, estabelecer diferenças cronológicas, se é que estas existem.

Perante isto, podem-se formular as duas hipóteses já avançadas por J. Morais Arnaud em 1979, quando no estudo da Coroa do Frade teve obviamente que

relacionar os dois povoados: ou o Castelo do Giraldo foi o povoado inicial, cuja exiguidade do espaço justificaria, num momento de crescimento populacional, a construção de um povoado fortificado de raiz, com superiores dimensões; ou então, assume-se a sua contemporaneidade, constituindo o Castelo do Giraldo uma pequena comunidade subordinada ao povoado da Coroa do Frade, tendo quiçá uma função de vigilância favorecida pelo seu privilegiado posicionamento face ao entorno.

Não devemos, no entanto, circunscrever a estas duas hipóteses a relação entre ambos os povoados, pois poderão derivar de inúmeras vicissitudes, tal como a proximidade não implica directamente a subordinação do menor ao maior.

Todavia, inclino-me para uma situação muito próxima da primeira hipótese.

O Castelo do Giraldo implanta-se num local de muito longa tradição de ocupação, como temos vindo a tentar demonstrar. A Coroa do Frade ao invés, e apesar da grande proximidade, conheceu apenas uma única ocupação, situável no Bronze Final. Como tal, poderá verificar-se uma continuidade entre os dois povoados. A comunidade que ocupava, no momento em causa, o Castelo do Giraldo, sem dúvida arraigada às tradições, conhecerá grandes mudanças que implicarão o distanciamento da longa tradição de ocupação do local.

É possível que transformações profundas dentro do Bronze Final na região, tenham conduzido ao abandono do Castelo do Giraldo durante este momento, visando a fundação de um povoado “*ex-nihilo*”, a Coroa do Frade. Este povoado seria a resposta a novas realidades, possivelmente políticas e sociais, geradas no decorrer do Bronze Final.

A Coroa do Frade é um povoado bem distinto do Castelo do Giraldo; várias vezes superior na dimensão e com menor destaque na paisagem, que o Castelo do Giraldo tão bem domina. Amplamente fortificado, no que mais uma vez se afasta do povoado em análise, a Coroa do Frade parece responder a uma conjuntura muito específica ao não ser habitado nem antes nem depois do Bronze Final, ao invés do Castelo do Giraldo, reiteradas vezes ocupado.

Propõe-se então, um certo desfasamento cronológico dentro do Bronze Final, entre estes povoados, os quais seriam, no entanto, sequenciais, pelo que as

proproduções cerâmicas dos dois povoados seriam, em boa parte morfológicamente semelhantes.

A perspectiva sequencial entre povoados do Bronze Final de evidente articulação espacial, foi igualmente proposta para realidades não muito distantes.

Na Serra d'Ossa detectou-se um conjunto de povoados, de dimensão diversa situados escassos quilómetros entre si, alguns dos quais, segundo se propôs, poderiam apresentar uma existência sequencial. Assim, num determinado momento do Bronze Final, os povoados de menores dimensões, como a Fonte Ferrenha, são abandonados, concentrando-se as populações daí oriundas num grande povoado fortificado, neste caso, o Castelo (Calado, Mataloto e Pisco, no prelo).

Esta concentração de população justificaria o aparecimento de grandes povoados fortificados, situados em locais estratégicos e de elevada defensabilidade natural.

Em comunicação apresentada também neste congresso propusemos, com as reservas que os dados de superfície aconselham, a existência de um processo de concentração e “acastelamento” das populações, onde os numerosos povoados abertos, de planície ou de altura, que temos vindo a registar no Alentejo Central, seriam abandonados em favor de amplos povoados fortificados de cumeada, dotados de excelentes condições de defensabilidade natural, dos quais os exemplos mais expressivos são o povoados do Castelo, Evoramonte e S. Bartolomeu, todos com cerca de 8-10 ha.

Esta visão bi-partida do Bronze Final vem sendo defendida por vários autores, tendo sido reiterada recentemente por Silva e Soares (1998: 241-242) e Marisa Ruiz-Gálvez (1998: 240).

Ambos autores aceitam uma fase inicial de pequenos povoados abertos, como os da Cerradinha, Pontes de Marchil ou Tapada da Ajuda, situada em termos cronológicos dentro dos dois últimos séculos do II^o milénio a.C., segundo as datações obtidas nos dois últimos povoados. A esta fase seguia-se uma outra, onde o povoamento surgia concentrado em povoados de grande dimensão, fortificados, situada nos dois primeiros séculos do I^o milénio a.C..

A alteração das estratégias de povoamento registava-se, então, na transição do milénio, fazendo parte de um processo de ocupação de locais estratégicos, que parece verificar-se em toda a área atlântica (Ruiz-Gálvez, 1998: 240).

Este modelo afigura-se bastante tentador; contudo, como já afirmámos em outro local (Calado, Mataloto e Pisco, no prelo), os dados são ainda escassos e não se pode afirmar peremptoriamente, sem um maior volume de informação, que estes modelos de povoamento não são contemporâneos. Não é, contudo, contraditório que alguns sítios abertos permaneçam ocupados durante um período dominado pelos grandes povoados, mantendo-se assim as duas soluções de povoamento em paralelo.

Este panorama de mudança não implica, como parece denunciar a morfologia das cerâmicas, qualquer ruptura cultural, mas sim uma resposta das populações indígenas a uma conjuntura específica.

O reajustar das redes de povoamento não deverá implicar directamente o abandono de todos os povoados pré-existentes, mas apenas o florescimento de alguns que respondam às novas necessidades estratégicas. Nas novas redes de povoamento, existirão alguns povoados que pela sua implantação privilegiada, a nível local, nunca deixarão de ser ocupados.

O Bronze Final é o momento em que, inequivocamente, temos de aceitar a solução de continuidade na ocupação do Castelo do Giraldo.

Neste povoado não se conseguiu perscrutar qualquer elemento que permita questionar a sobrevivência dos elementos cerâmicos do Bronze Final, em cronologias da Idade do Ferro; contudo em dois dos povoados mais próximos, a Coroa do Frade e o Alto do Castelinho da Serra, foram detectados indícios muito relevantes sobre estas ocupações do *terminus* do Bronze Final e inícios da Idade do Ferro.

Na Coroa do Frade, que proponho ser ocupado na sequência do abandono do Castelo do Giraldo, registou-se a presença de um elemento típico da dita Iª Idade do Ferro na Península Ibérica, não anterior a meados do séc. VIII, a fíbula de dupla mola (Argente Oliver, 1990: 256). A associação deste adorno pessoal a um conjunto de cerâmicas que em nada diverge da tipologia de formas do Bronze Final, parece remeter a sua ocupação, ou parte dela, para contextos cronologicamente integráveis na Idade do

Ferro, ainda que dominados por produções cerâmicas de tradição anterior (Fabião, 1998).

No Alto do Castelinho da Serra foi possível verificar a plena convivência de formas e decorações do Bronze Final, com cerâmicas produzidas a torno, do tipo cinzentas finas polidas e de engobe vermelho, conhecidas no litoral em conjuntos da Idade do Ferro (Mason, et al., n.p.).

O final da Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro no interior alentejano deverá ser, então, caracterizado por uma transição muito gradual dos aspectos materiais, o que deverá reflectir igualmente a continuidade das estruturas sociais e económicas (Correia, 1996; Fabião, 1998).

O Castelo do Giraldo, após o abandono no Bronze Final, permanecerá vários séculos desocupado, dando-se a sua reocupação apenas, segundo creio, num momento avançado da segunda metade do Iº milénio.

A ocupação da Idade do Ferro

O Castelo do Giraldo foi indubitavelmente ocupado durante a Idade do Ferro. Este momento é, sem dúvida, o menos conhecido da ocupação deste local. O Cor. Afonso do Paço, que dirigiu os trabalhos, apenas refere os paralelos de um motivo decorativo nos castros da Idade do Ferro do Norte do país.

Recentemente, L. Berrocal, no inventário do povoamento da área céltica do Sudoeste peninsular, refere com clareza a ocupação pré-romana do Castelo do Giraldo (Berrocal, 1992: 317).

A cerâmica pertencente a este momento é, maioritariamente, produzida com o auxílio da roda, sendo apenas uma pequena percentagem de produção manual. As cozeduras são principalmente oxidantes, nos grandes contentores e em algumas formas de menores dimensões, como pequenas taças. As produções redutoras, de tipo cerâmica cinzenta, estão bem representadas em recipientes médios e pequenos -potes principalmente.

A morfologia das cerâmicas não é muito diversificada, dominando totalmente as formas fechadas, de várias dimensões. Os grandes contentores, certamente de armazenamento, estão representados em número não muito elevado,

face a uma grande quantidade de potes de pequena e média dimensão, de pastas mais finas e acabamentos cuidados, muitos dos quais pertencentes à categoria da cerâmica cinzenta.

Algumas peças apresentam um diâmetro de bordo reduzido e colo estrangulado assemelhando-se morfológicamente aos jarros.

Os recipientes abertos são escassos, sendo essencialmente pequenas taças.

As asas de rolo estão presentes, embora em número reduzido. Estas ligam o bordo ao bojo ou então são “asa de cesto”.

As cerâmicas decoradas são realmente escassas e as cerâmicas pintadas, resumem-se apenas a alguns exemplares, estando completamente ausentes as decorações por matrizes “estampilhadas”.

As formas que receberam a pintura são, essencialmente, potes de bordo ligeiramente exvasado, realizados a torno, com cozedura oxidante, ainda que se registre um caso em cerâmica cinzenta, com pastas finas e depuradas. Os motivos pintados resumem-se a bandas paralelas ao bordo, de espessura variável e coloração oscilando entre um vermelho desvanecido e um vermelho violáceo. Em qualquer caso, sobre o mesmorecipiente a pintura é sempre monócroma.

As bandas surgem sob o bordo, interna e externamente, ou sobre o bojo.

Estas observações aplicam-se também à única forma aberta que regista pintura, uma taça que poderá ter alguns paralelos na forma “b” da tipologia da cerâmica de “barniz rojo tardío”, elaborada por E. Cuadrado (1953).

A cerâmica pintada em bandas é relativamente frequente nos povoados da Idade do Ferro da região, como o Castelão de Rio de Moinhos (Calado e Rocha, 1997: 117-118) ou Castelo Velho do Lucefécit (Calado, 1993: 63), já objecto de escavação, entre outros apenas conhecidos de superfície. Estas cerâmicas com pintura monócroma estão igualmente bem representadas nos povoados do todo o Alentejo interior e na área “céltica” da Extremadura espanhola (Berrocal, 1992).

As cerâmicas com pintura em bandas são usualmente interpretadas como originárias ou inspiradas em modelos do Sul peninsular, em particular da Andaluzia

Ocidental. As recolhidas no Castelo do Giraldo, em geral, não permitem destoar deste panorama, ao apresentarem pastas e acabamentos bastante distintos das restantes cerâmicas; podem resultar de produções locais de maior qualidade ou de verdadeiras importações, como deverá ser o caso da taça com semelhanças nas produções de “barniz rojo tardío”, que tem uma pintura de grande qualidade, sobre uma pasta muito depurada de superfícies espatuladas.

Em contextos da área “céltica” do Sudoeste Peninsular, as cerâmicas pintadas polícromas, principalmente com vermelho, branco e/ou preto, parecem caracterizar os momentos mais antigos, séc. V-IV a.C., enquanto a pintura monocroma, que se regista no Castelo do Giraldo, poderá constituir um indicador cronológico de relativa modernidade dentro da Idade do Ferro (séc. III/II a.C.) (Berrocal, 1992: 104), como se parece verificar no Castrejón de Capote, Hornachuelos ou Nertóbriga (Berrocal, 1994: 177).

No Alentejo Central esta situação parece igualmente atestar-se no Castelão de Rio de Moinhos, onde a pintura polícroma se regista somente na fase mais antiga, face à presença de pintura monocroma num segundo momento (Calado e Rocha, 1997).

Os restantes motivos decorativos resumem-se a duas peças com decoração bastante diferente, mas ambas bem conhecidas nos contextos da Idade do Ferro da área “Céltica” do Sudoeste Peninsular:

– o primeiro destes motivos (fig. 4, nº 8) consiste em incisões realizadas sobre um cordão plástico, aplicado numa peça de corpo ovóide e bordo simples, de fabrico manual. Este tipo de peças com esta decoração é bastante frequente nos povoados da Idade do Ferro “Céltica” (Berrocal, 1994^a: 131), mas também nos depósitos dos santuários como o de Capote (Berrocal, 1994: 120-121) e particularmente Garvão (Beirão *et alii*, 1985).

As cronologias aceites para estas peças situam-nas entre o séc. V e o séc. III a.C. (Berrocal, 1994^a: 131), no entanto, em povoados como o Pedra da Atalaia (Silva, 1978: 125) ou particularmente no nível IIIc de Badajoz (Berrocal, 1994b: 177), estas formas e decorações podem surgir ainda dentro do séc. II a.C., possivelmente na primeira metade.

– o outro motivo decorativo (Fig. 4, nº 9) é muito simples, consistindo numa linha ondulante realizada sobre o bojo de uma peça de pequena dimensão, de cozedura oxidante e pasta relativamente depurada. Este motivo, de linhas simples incisadas, parece ganhar algum destaque durante o séc. II a.C., após um processo de mutação da produção cerâmica, principalmente ao nível das decorações; as grandes “estampilhas” desaparecem, e as decorações tornam-se mais escassas e de menores dimensões (Berrocal, 1989-90: 109).

Os fundos registados apresentam alguma variabilidade, tendo-se reconhecido os côncavos, planos e em pé de anel.

Os cossoiros, sendo um elemento frequente na Idade do Ferro do Alentejo interior, também estão presentes com escassas unidades.

A ocupação da Idade do Ferro do Castelo do Giraldo afigura-se difícil de situar em termos cronológicos, devido, em particular, às próprias características do conjunto.

Apesar das limitações já expostas, acredito poder situar a ocupação sidérica do Castelo do Giraldo dentro do séc. II a.C., centrando-a na primeira metade do século; eventualmente poderá prolongar-se para momentos dentro da segunda metade.

O critério de análise baseado nas presenças/ausências, ainda que com muitas reservas, poderá aduzir significativos argumentos para um melhor enquadramento cronológico deste povoado, o que tentarei explicar em seguida.

Pelo que se acabou de afirmar, a escassez de decorações parece funcionar como elemento caracterizador da cerâmica do séc. II a.C.. A cerâmica pintada regista uma muito longa duração sem grandes alterações. Contudo, o facto de existir somente pintura monócroma parece implicar, segundo alguns autores, um aspecto tardio dentro da Idade do Ferro.

As decorações elaboradas com grandes matrizes “estampilhadas”, características dos séc. IV e III a.C., estão totalmente ausentes. A utilização destas parece cessar durante o séc. II a.C., previamente, ou logo após, os primeiros contactos com o Mundo romano (Berrocal, 1989-90: 109; Fabião, 1998: 63).

Todas as restantes cerâmicas não permitem, face à grande diacronia das formas registadas, qualquer afinação cronológica.

A ausência de elementos de importação itálica, poderá utilizar-se como datação *ante quem* para o *terminus* da ocupação do local no decurso da Idade do Ferro.

Assim, pelo exposto, pode afirmar-se, com alguma credibilidade, que o Castelo do Giraldo foi ocupado durante um momento, não muito longo, do séc. II a.C., prévio aos contactos intensos com o Mundo romano. Tal não implica, obrigatoriamente, o abandono do local anteriormente à presença dos primeiros romanos no Alentejo Central.

O Castelo do Giraldo assume características peculiares no contexto da Idade do Ferro no Alentejo Central, ao afastar-se, manifestamente, dos modelos de implantação mais conhecidos, tanto para povoados fortificados, em esporão sobre ribeiro, como para os abertos onde não existe qualquer preocupação de defesa ou domínio de paisagem.

O local aqui em estudo surge, neste momento, relativamente isolado no contexto local. Apenas o Alto do Castelinho da Serra, situado alguns quilómetros a Oeste, parece estar ocupado no mesmo espaço de tempo. Este último povoado conheceu, porém, claros contactos com o Mundo romano, visíveis no espólio cerâmico, com a presença de cerâmica campaniense e contentores anfóricos de produção itálica (Mason, *et al.*, n.p.). Neste povoado a ocupação da Idade do Ferro é marcadamente distinta da registada no Castelo do Giraldo. O Alto do Castelinho da Serra é um povoado fortificado, ocupado em continuidade desde o Bronze Final até possivelmente ao séc. II/I a.C.. Como tal, a comparação entre ambas as ocupações sidéricas é difícil de estabelecer.

A implantação estratégica aliada à ausência, ao que parece, de muralhas, e a curta e tardia ocupação do Castelo do Giraldo afastam-no da maioria dos povoados conhecidos. Consegue-se apenas vislumbrar algumas semelhanças com o povoado da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém), localizado num cabeço, sem defesas artificiais; no entanto, o conjunto cerâmico é bastante distinto, apesar de conhecer uma ocupação iniciada no séc. III ou II a.C. que permanece até momentos de claro contacto com o Mundo romano, visível através da presença de cerâmica Campaniense.

A ocupação do Castelo do Giraldo durante o século II a.C. poderá responder a uma conjuntura muito própria, que justifique o regresso a alguns locais conhecidos pelas suas condições estratégicas. Esta movimentação populacional poderá não se circunscrever às imediações do povoado em questão, mas eventualmente tomará outras proporções quando se poder caracterizar melhor, em termos cronológicos, as ocupações sidéricas de muitos povoados conhecidos.

O reconhecimento de uma ocupação sidérica⁷, de difícil enquadramento cronológico, pela ausência de elementos “datantes”, como a decoração “estampilhada”, em povoados de cumeada ocupados no Bronze Final, no Alentejo Central, poderá ir ao encontro da possibilidade acima apresentada.

É tentador associar a reocupação de certos locais estratégicos, a confirmar-se a sua cronologia do séc. II a.C., às conturbações que o Sul do país deverá ter conhecido ao longo deste século, em particular durante as Guerras Lusitanas; todavia, outras vicissitudes, talvez mais circunscritas no espaço, poderão determinar estes regressos a locais com condições estratégicas particulares.

Contudo, esta é somente uma hipótese de trabalho que a continuação da investigação poderá esclarecer.

A Proto-História do Castelo do Giraldo: breve conclusão

Situado em um conspícuo esporão, num ponto estratégico de convergência de rotas naturais, o local revelou-se ao longo dos tempos atractivo ao povoamento, gozando de óptima visibilidade sobre a planície que à sua frente se espraia.

Após uma importante ocupação Calcolítica, o Castelo do Giraldo permanece ocupado ao longo do II^o milénio, num momento em que outras realidades sociais e materiais surgem, sem quebrar bruscamente com a longa tradição anterior.

Durante o Bronze Médio, cuja ocupação se revela bastante discreta no repertório cerâmico recolhido, o Castelo do Giraldo situa-se num espaço onde o povoamento e o mundo funerário se definem pela variabilidade de soluções apresentadas; desde as necróples de cistas, às reutilizações de diversos monumentos

⁷ O conjunto de materiais de povoados como o do Castelo e de S. Gens, na serra d'Ossa, é formalmente similar ao conhecido para a Idade do Ferro, de cariz “céltico”, do Sul do país. Contudo, o domínio dos grandes contentores é completo, estando as decorações quase totalmente ausentes.

megalíticos, como a Anta Grande do Zambujeiro e *tholos* do Escoural, existe um sinal de diversidade e intensidade de utilização do território, em oposição ao panorama desolador que, por enquanto, este momento apresenta em todo o Alentejo Central.

O Bronze Final surge-nos como um momento de charneira na ocupação do local, estabelecendo-se agora a solução de continuidade que, segundo afirmei, não creio ter acontecido em momentos anteriores.

A proximidade do povoado da Coroa do Frade, amplo e fortificado, poderá justificar o abandono do Castelo do Giraldo, em seu favor. Certamente a conjuntura regional sofreu uma importante transformação que justificaria a criação de um amplo povoado fortificado onde se congregassem as populações envolventes.

Em grande parte do período cronológico da Idade do Ferro o local permaneceu desocupado, voltando a conhecer o povoamento num momento tardio deste período, eventualmente no séc. II a.C.. Esta ocupação não foi, provavelmente, muito ampla, podendo ser mais uma vez derivada de uma conjuntura específica.

Assim, longos anos após os trabalhos de escavação, esperamos ter contribuído aqui para um melhor conhecimento das ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo.

Fig.1 - O Castelo do Giraldo e o contexto arqueológico envolvente. 1-Castelo do Giraldo 2-Coroa do Frade 3-Povoado da Serra 4-Necrópole das Bandeiras 5-Cista da Provença 6-Anta Grande do Zambujeiro 7-Povoado do Jarro 8-Sítio de Vale Maria de Baixo 9-Sítio da Valada 10-Sítio de Vale Maria do Meio 8

Fig.2 - Sítios arqueológicos da Idade do Bronze (B) e Idade do Ferro (F) no Alentejo Central (Seg. Calado, Mataloto e Pisco,n.p.) 1-Cerro da Casa Branca (F) 2-Alto do Castelhinho da Serra (B/F) 3-**Castelo do Giraldo** (B/F) 4-Coroa do Frade (B) 5-Jarro (B) 6-Valada 4 (B) 7-Vale Maria de Baixo 2 (B) 8-Vale Maria do Meio (B) 9-Vale d'El-Rei de Cima (F?) 10-Sargacinho (F) 11-S. Pedro de Arraiolos (B/F) 12-Balanqueirinha 1 (F) 13-Sempre-Noiva (B)14-Pomar de Vale de Sobrados 2 (B) 15-Quinta da Cigana 5 (B) 16-Moinho do Freixial (B) 17-N. Sr^a de Machede (F)18-Monte Novo (F) 19-Comenda do Meio (B/F) 20-Vale do Pereiro (F) 21-Monte da Tera (F) 22-Claros Montes (F) 23-Soeiros 24-S. Bartolomeu (B) 25-Granja (F) 26-Serra Murada (F) 27-Padrão (F) 28-Castelo Velho de Veiros (F) 29-Evoramonte (B/F) 30-Coutada (B) 31-Castelão de Rio de Moinhos (F) 32-Castelão das Nogueiras (F) 33-Cortes (F) 34-S. Gens (B/F) 35-Castelo (B/F) 36-Fonte Ferrenha (B) 37-Quinta do Freixo (F) 38-Martes (B) 39-Monte da Laje (B) 40-Monte do Almo (F) 41-Vendinha (F) 42-Monte do Gapete (B) 43-Pomarinho (F) 44-Monte Real (B) 45-Monte do Cabaço (F) 46-Monte do Outeiro (F) 47-Horta da Ribeira (F) 48-Caladinho (F) 49-Pericoto 2 (F) 50-Rocha da Mina (F) 51-Moinho do Lucas (B) 52-Castelhinho (B/F) 53-Lucas 7 (F) 54-Castelo Velho (B/F) 55-Coroados (B/F) 56-Outeiro Pintado (F?) 57-Brioa (F) 58-Monte dos Leitões (F) 59-Pero Lobo (F) 60-Malhada das Mimosas (F) 61-Rocha de Províncios (F) 62-Mocissos 3 (B) 63-Mocissos (F) 64-Milreu (F) 65-

Ramo Alto 2 (F) 66-Castelo da Pena de Alfange (F) 67-Espinhaço de Cão 1 (F) 68-Fonte da Calça (F) 69-Casa da Moinhola 5 (F) 70-Casa da Moinhola 3 (F) 71-Miguens 10 (B) 72-Miguens 6 (F) 73-Cabeços da Rainha 5 (F) 74-Malhada das Taliscas 8 (F) 75-Malhada das Taliscas 4 (F) 76-Monte de Calvins 5 (B) 77-Calvins 2 (B) 78-Calvins 7 (B) 79-Calvins 6 (B) 80-Belhoa (F) 81-Monte do Gato 2 (F?) 82-S. Jeães 2 (B) 83-Gato (F) 84-Monte Coimbra 6 (F) 85-Monte da Estrada 2 (F) 86-Monte Coimbra 7 (F) 87-Monte do Outeiro 2 (B) 88-Chaminé 13 (F) 90-Chaminé 6 (F) 91-Capelinha 2 (F) 92-Pipas 2 (F) 93-Pipas 1 (F) 94-Pipas 1º (B) 95-S. João 5 (F) 96-Malhada dos Gagos 13 (F) 97-Rocha do Vigio (B) 99-Monte Novo 2 (F) 100-Moinho do Tojal 1 (F?) 101-Castelo Velho do Degebe (F) 102-Monte de Musgos (F) 103-Monte da Tapada 39 (F) 104-Pardieiros (F) 105-Mendro (B) 106-Peso (F) 107-Outeirão da Murada (F) 108-Castanheiro (F) 109-Outeirão (B) 110-Castelos (F) 111-Cabeço do Ruivo (F) 112-S. Bartolomeu do Outeiro (F) 113-Cabeço Alto (F) 114-Aguiar (F) 115-Cabeço de S. Vicente (F).

Fig.3 - Materiais da Idade do Bronze do Castelo do Giraldo.

Fig.4 - Materiais da Idade do Bronze (1-7) e da Idade do Ferro (8-9); (1 a 4) segundo Schubart (1975).

Fig.5 - Materiais da Idade do Ferro do Castelo do Giraldo.



casadesarmento

centro de estudos do património

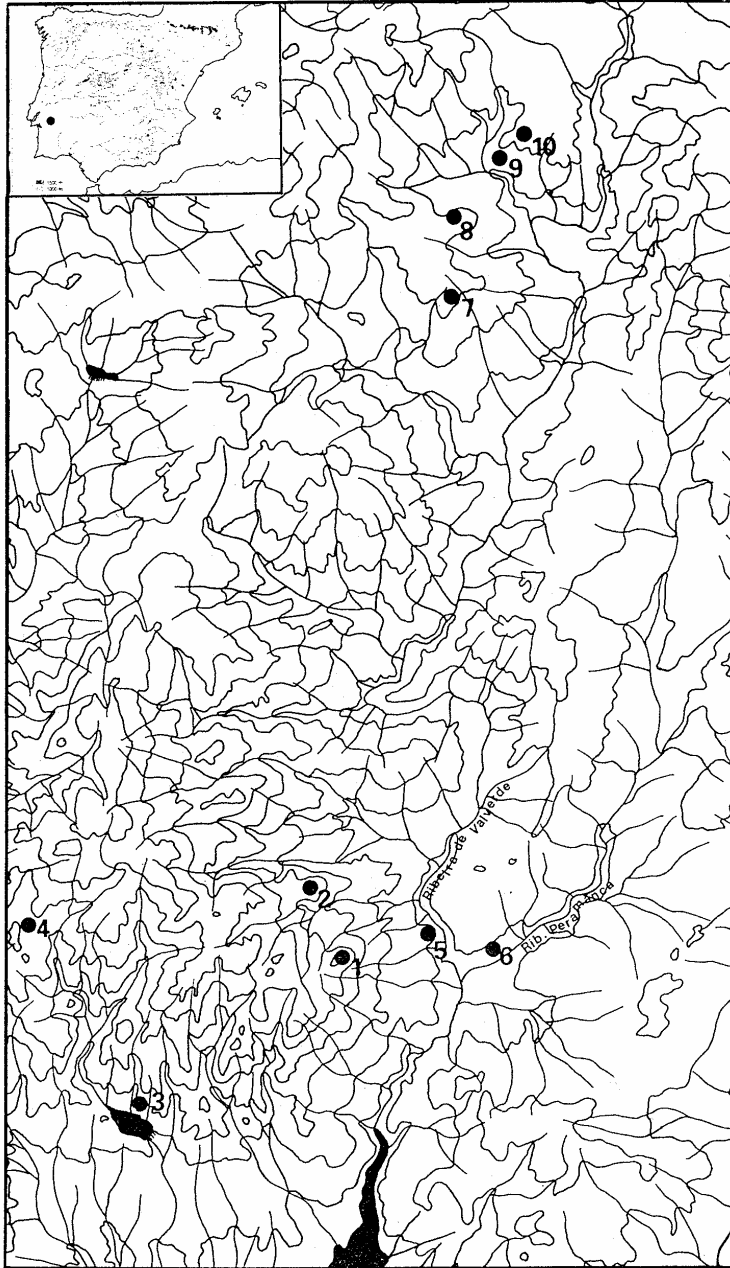


Fig.



casadesarmento

centro de estudos do património

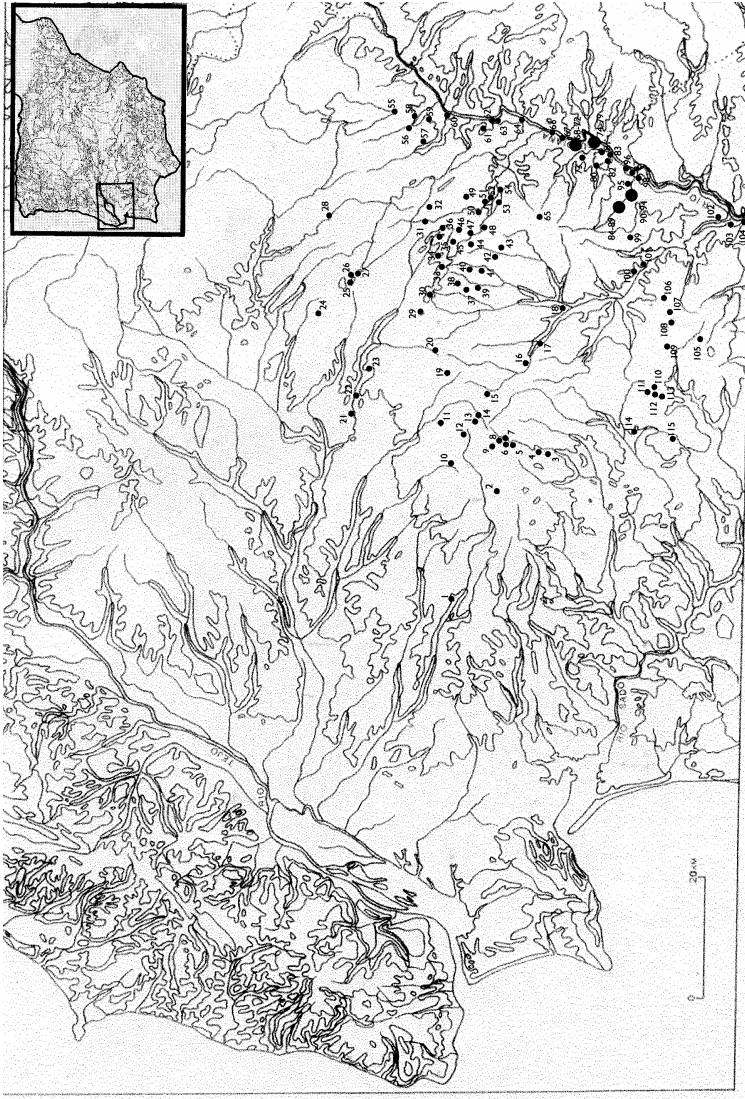


Fig. 2

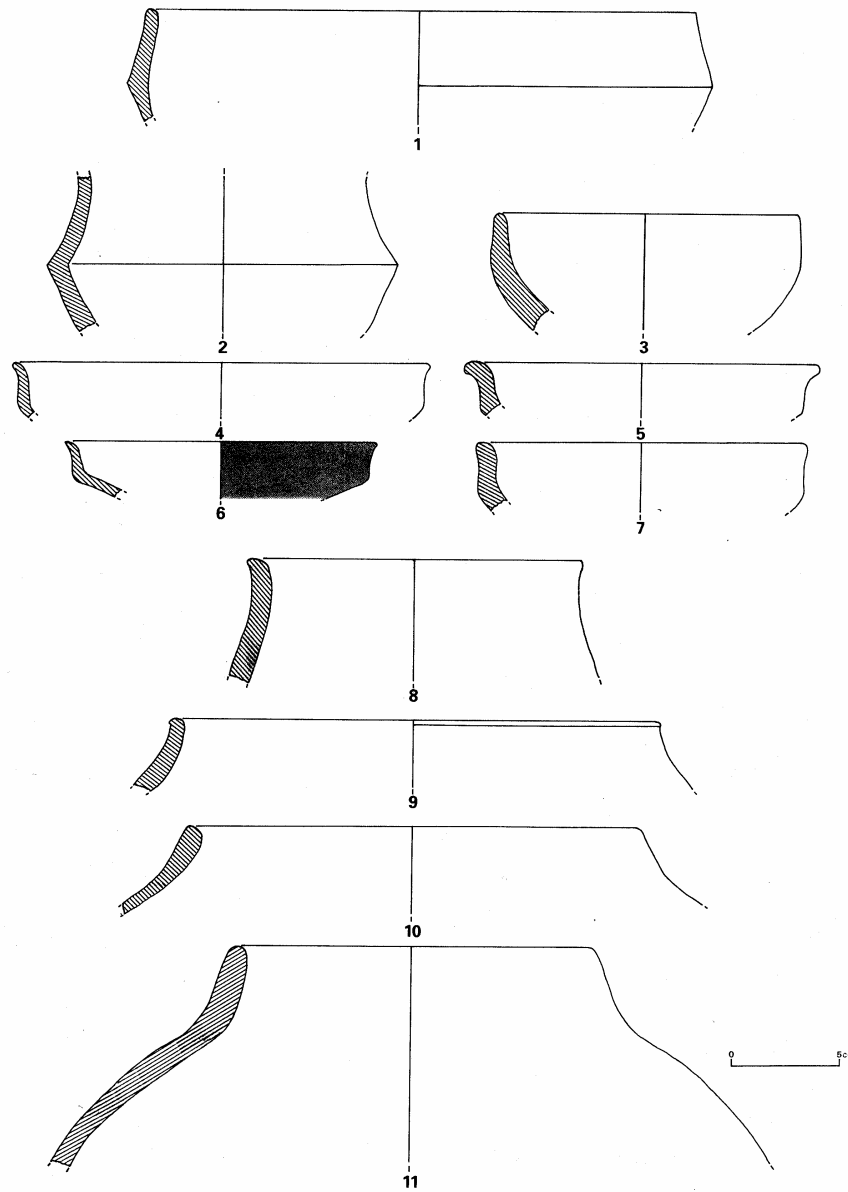


Fig. 3

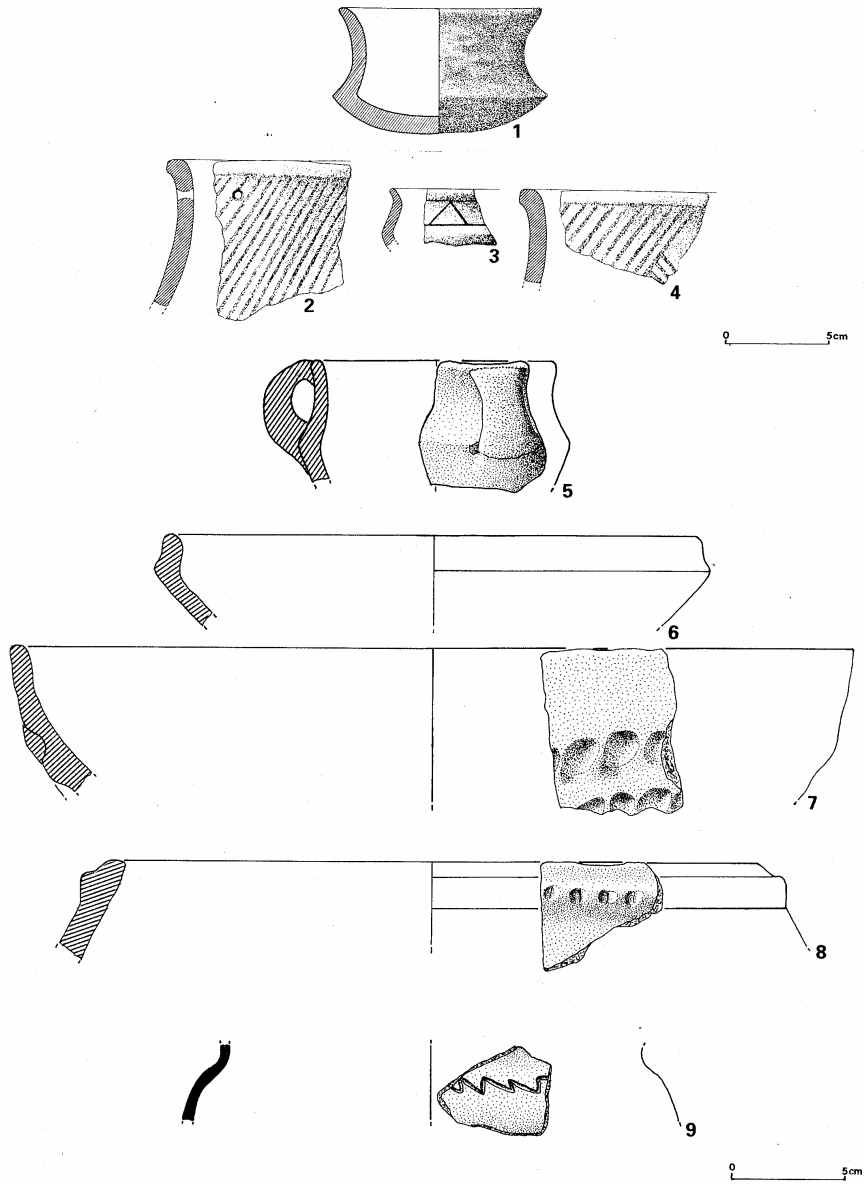


Fig. 4

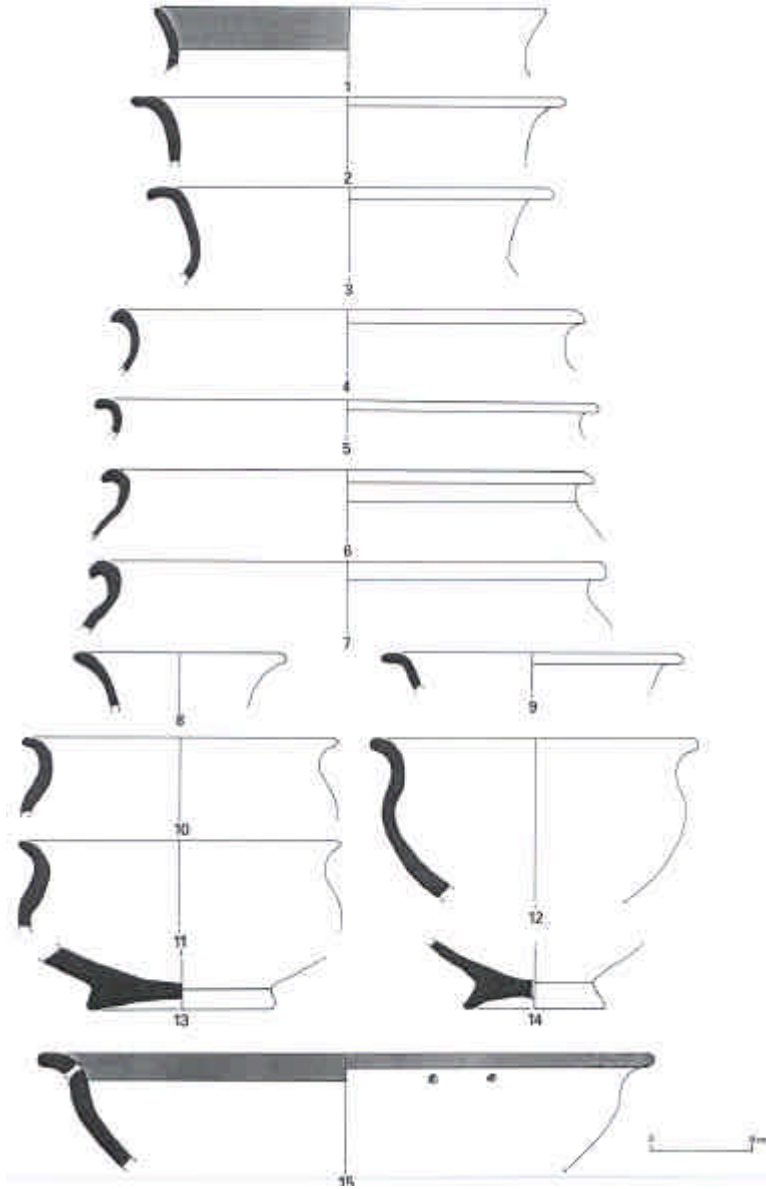


Fig. 5

Bibliografia

- Alarcão, J.** (1996a) - Os círculos culturais da Iª Idade do Ferro no Sul de Portugal. In Villar, F. e Encarnação, J. (ed.) *La Hispânia Prerromana* (Salamanca, Universidad), 19-39.
- (1996b) - O primeiro milénio a.C.. In Alarcão J. (coord.) *De Ulisses a Viriato* (Lisboa, IPM), 15-30.
- Argente Oliver, J.** (1990) - Las fíbulas de las necrópolis celtibéricas, *Necrópolis Celtibéricas*, 247-266.
- Almagro-Gorbea, Martin** (1977) - *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Madrid.
- Almagro Gorbea, M. e Martin Bravo, A.** (1994) - Medellín 1991. La ladera Norte del Cerro del Castillo, in **Almagro Gorbea, M. e Martin Bravo, A.** (Eds.) *Castros e Oppida en Extremadura*, Complutum Extra 4, p. 77-127.
- Arnaud, J. M.** (1970) - O Castelo Velho de Veiros - Campanha preliminar de escavações de 1969. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, Vol. II, p. 309-328.
- (1979) - Coroa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora – Escavações de 1971-1972, *Madrider Mitteilungen*, 20, Heidelberg, p. 56-99.
- Arruda, A. M.; Guerra, A.; Fabião, C.** (1995) - O que é a II Idade do Ferro no Sul de Portugal?. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto, VI, p. 237-257.
- Aubet, M. Serna, M. Escacena, J. Delgado, M.** (1983) - *La Mesa de Setefilla*, Campaña de 1979, EAE, 122.
- Beirão, C.; Silva, C.T.; Soares, J.; Gomes, M. e Gomes, R.** (1985) - O depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações, *O Arqueólogo Português*, sér.IV, 3, p.45-135.
- Beirão, C. M.; Correia, V H.** (1992) - A II Idade do Ferro no Sul de Portugal: O estado actual dos nossos conhecimentos. *Actas do XXI CNA*. (Teruel, 1991). Zaragoza.

- Bélen Deamus, M., Escacena Carrasco, J.L.** (1995) - Acerca del Horizonte de la Ría de Huelva. Consideraciones sobre el Final de la Edad de Bronce en el Suroeste Iberico, *Ritos de Paso y Puntos de Paso*, Complutum Extra 5, Madrid, pp. 85-113.
- Berrocal, L.** (1989-90) - Câmbio Cultural y Romanización en el SuroestePeninsular, *Anas*, 2, 103-121.
- (1992) - *Los pueblos celticos del Suroeste de la Peninsula Iberica*, Complutum Extra 2, Madrid.
- (1994) - El Altar Prerromano de Capote. Ensayo Etnoarqueológico sobre un ritual céltico en el Suroeste.
- (1994b) - El Oppidum de Badajoz. Ocupaciones Prehistoricas en la Alcazaba, in: **Almagro-Gorbea, M. y Martín, a M^a.** (Dir.) Castros e Oppida en Extremadura, Madrid, Complutum Extra IV, p. 143-187.
- Calado, M.** (1993b) - *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: C.M.A.
- (1996) - Recintos Ciclópicos no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora: C.M. de Évora, II série, 1, p. 275-286.
- (no prelo) - Endovélico e Rocha da Mina: contexto arqueológico. *Ofiussa*. 1.
- Calado, M.; Rocha, L.** (1996-1997) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora, II série, 2, p. 35-55.
- (1997) Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central, *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*, 1.
- Calado, M. Mataloto, R. Pisco, M.** (n.p.) - Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central, Congresso de Proto-História Europeia – Centenário da morte de Martins Sarmiento.
- Cardoso, J.L.** (1995) - O Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, *A Idade do Bronze em Portugal- discursos de poder*, IPM e MNA, Lisboa, p.48.
- Cardoso, J.L. e Carreira, J.** (1993) - Le Bronze Final et le début de l'âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage, *Méditerranée*, 2, p.193-206.
- Correia, V. H.** (1996) - Os povoados da 1^a Idade do Ferro do Sul de Portugal, *De Ulisses a Viriato – O primeiro milénio a.C.*, Lisboa, MNA, p.83-87.

- Cuadrado, E.** (1953) - Materiales ibéricos: cerámica roja de procedência incierta, *Zephyrus*, IV, p. 265-310.
- Escacena Carrasco, J.L.** (1995) - La etapa precolonial de Tartessos. Reflexiones sobre el “Bronce” que nunca existió, *Tartessos 25 años después (1968-1993)*, Jerez de la Frontera, p. 179-214.
- Fabião, C.** (1996) - O Povoado fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre, p.35-84.
- Fabião, C.** (1998) - *O Mundo indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. 3 vol. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Policopiado).
- Gamito, T.** (1988) - *Social Complexity in South West Iberia, 800-300 BC. The case of Tartessos*. BAR, 439.
- Gamito, T.** (1996) - O estanho de aluvião e a metalurgia do Bronze no castro do Baldio (Arronches, Portugal), *Vipasca*, 5, p. 29-50.
- Gómez Toscano, F.** (1998) - *El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana e el Guadalquivir*, Universidad de Huelva.
- Hurtado Perez, V.; Garcia Sanjuan, L.** (1994) - Areas funcionales en el poblado de La Edad del Bronce de El Trastejón (Zufre. Huelva). *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva, 1994, pp. 239-271.
- Mason, S.; Correia, V.; Gibson, C.; Burgess, C.** (no prelo) - Escavações no povoado do Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Evora).
- Paço, A.** (1961) - O Castelo do Giraldo (Évora) e os novos horizontes do Neolítico alentejano, *VI CAN*, Zaragoza.
- Paço, A.; Ventura, J. F.** (1961) - Castelo do Giraldo (Évora): trabalhos de 1960. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 71, p. 9-20.
- Parreira, R. Berrocal, L.** (1990) - O povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pomar (Ervidel, Aljustrel), *Conimbriga*, 29, 39-57.
- Pavón Soldevila, I.** (1995) - La Edad del Bronce, *Extremadura Arqueológica*, IV (Arqueologia en Extremadura: 10 años de Descubrimientos), p. 35-65.

- (1995b) - Bases estratigráficas para una revisión cronológica del Bronce del Suroeste: el corte 3 de la Umbria del cerro del Castillo de Alange (Badajoz), *Extremadura Arqueológica*, V, p. 81-96.
- Pellicer, M.; Escacena, J.; Bendala, M.** (1983) - *El Cerro Macareno*, EAE, 124.
- Rodríguez Díaz, A.** (1991) - *La Ermita de Bélen (Zafra, Badajoz). Campaña 1987*, Editora Regional de Extremadura, Mérida.
- (1995) - El valle Medio del Guadiana, “Espacio de Frontera” en la Protohistoria del Suroeste (II), *Saguntum*, 28, p. 111-130.
- Ruiz-Gálvez, M.** (1998) - *La Europa Atlântica en la Edad del Bronce*, Un viagem a las raíces de la Europa Occidental, Ed. Crítica.
- Ruiz Mata, D.** (1995) - Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio Tartésico, *Tartessos 25 años después (1968-1993)*, Jerez de la Frontera, p.265-313.
- Schubart, H.** (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*, Berlim, Madrider Forschungen, 3.
- Silva, A. C.; Perdigão, J.** (1998) - *Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos*, Câmara Municipal de Arraiolos.
- Silva, C.T.** (1978) - Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém), *Setúbal Arqueológica* IV, p. 117-132.
- Silva, C.T. e Soares, J.** (1981) - *Pré-história da área de Sines*, Sines.
- (1998) - From the collapse of the Chalcolithic mode or production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian peninsula, **Jorge, S.** (Ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, Trabalhos de Arqueologia 10, Lisboa, IPA.
- Vilaça, R.** (1995) - *Aspecto do Povoamento da Beira Interior (Centro/Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia 9.